

MATERNIDADE E LESBIANIDADE: A PERSPECTIVA DE UM CASAL LÉSBICO ADOTANTE

Lindomar Expedito S.Darós¹
Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro
E-mail: lindomardaros@gmail.com

O presente texto constitui-se de um compartilhar de experiência que rompe com a perspectiva heteronormativa e binária, as quais são sustentadas pelo patriarcado que nos atravessa enquanto corpo social e busca impor modelos estanques de conjugalidades e exercício parental. Cátia, Dora & Anderson, como se pode verificar na entrevista transcrita, formam um arranjo familiar que rompe com a tríade reinante composta por heterossexualidade-casamento-filiação (Áran, 2005).

Cabe situar que o reconhecimento da constitucionalidade das uniões estáveis entre pessoas do mesmo sexo, havido em 05 de maio de 2011, foi um ingrediente a mais para fomentar a entrevista com o casal em epígrafe. Afinal, Cátia & Dora, não obstante terem petitionado a habilitação para adoção na modalidade monoparental², desde o início se afirmaram enquanto casal não tendo nenhum melindre em suas ponderações.

Ressalte-se que Cátia & Dora verbalizaram que, à época da habilitação para adoção, tiveram dificuldades no andamento processual, caso pleiteassem em conjunto a habilitação para adoção. As mães em questão participaram, antes do processo de habilitação para adoção na VIJL de São Gonçalo, do Grupo de Apoio à Adoção Quintal da Casa de Ana, sediado em Niterói-RJ, cidade vizinha a São Gonçalo, fato que, segundo as narrativas, lhes ajudou na apropriação dos procedimentos judiciais de habilitação para adoção.

Ponto que estar com um núcleo familiar para discutir os atravessamentos institucionais e ético-políticos que há nos procedimentos de habilitação para adoção; bem como, no processo de adoção do filho desejado, fora do espaço da VIJL e, desprovido de cunho avaliativo, fora extremamente potente, uma vez que possibilitou colocar em análise o fazer profissional na dinâmica instituído/instituente.

¹ Psicólogo do quadro do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, mestre em Psicologia, membro do XII e XIII do Conselho Regional de Psicologia, sócio-fundador da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura. E-mail: lindomardaros@gmail.com

² Quando alguém petição sozinho habilitar-se à adoção de filhos.

Cátia & Dora, a partir da inserção do filho Anderson, vivenciam maternidades diversas daquela que os instituídos tentam nos impor. Que o leitor possa se deliciar deste encontro, com potentes narrativas de modos de ser mãe, na relação com a família extensa e ampliada, com a comunidade escolar e com o cotidiano de vidas que ousam afirmar modos singulares de amores possíveis...

LINDOMAR DARÓS: “Qual o nome de vocês, a idade e o tempo de conjugalidade?”

CÁTIA FALCÃO: “Meu nome é Cátia Falcão. Eu tenho 53 anos e sou jornalista. Estou junto com a Dora há 8 anos.”

DORA CORDEIRO: “Meu nome é Dora Cordeiro. Eu sou assessora parlamentar e estou com a Cátia há 8 anos.”

LINDOMAR DARÓS: “Como é que surgiu em vocês o projeto da maternidade e o desejo de serem mães?”

CÁTIA FALCÃO: “Antes de conhecer Dora eu tive uma experiência de casamento heterossexual que terminou com um divórcio. Sempre tive na minha cabeça que não seria mãe biológica. Era uma questão mesmo de opção. Mas, ao mesmo tempo, eu achava que um dia na minha vida eu partiria para uma adoção. Eu queria viver essa experiência de mãe. Então quando eu conheci Dora falei pra ela da minha vontade. E foi interessante porque ela também tinha esse desejo, o que tornou tudo mais fácil. A gente amadureceu a ideia e após 4 ou 5 anos de relacionamento a gente conseguiu concretizar isso aí.”

DORA CORDEIRO: “Desde muito nova sempre soube que ia ser mãe. Também tive um casamento heterossexual bastante tempo antes, mas com a Cátia soube que isso seria possível, porque eu teria uma companheira com quem eu pudesse dividir essa responsabilidade. Poderia ter uma família legal, apesar de diferente, né? Eu me senti mais segura com ela porque a insegurança era uma coisa que me batia muito forte na questão da adoção homoafetiva, porque eu sempre tive muito medo de discriminação.”

LINDOMAR DARÓS: “Então vocês temeram ser discriminadas diante da Vara de Infância no momento de pleitearem a habilitação para adoção?”³

DORA CORDEIRO: “Tive muito medo.”

³ Procedimento prévio para que um casal ou uma pessoa possa constar no Cadastro Nacional de Adoção (CNA). A habilitação para adoção constitui-se necessária para que as Varas de Infância, Juventude e Idoso possam contatar os pretendentes à adoção quando há uma criança/adolescente disponibilizada à adoção.

CÁTIA FALCÃO: “Antes mesmo de partir pra adoção, a gente que é homossexual já convive um pouco com isso, com o preconceito. Quando partimos para a adoção a gente procurou antes a ONG ‘Quintal da Casa de Ana’ e ali a gente foi super bem recebida e foi preparada pra isso. Então quando eu procurei a Vara da Infância de São Gonçalo a gente foi muito bem recomendada, porque essa ONG é muito bem vista na Vara. E coincidiu também que a gente tava morando em São Gonçalo. Então não foi com tanta preocupação. A gente achava que ia encontrar alguma dificuldade, mas não tinha essa preocupação de ser discriminada não.”

LINDOMAR DARÓS: “Vocês fizeram o processo de habilitação para adoção em grupo. Como o grupo lidou com o fato de serem duas mulheres?”

DORA CORDEIRO: “Na verdade a Cátia é que começou se habilitando. Como eu participei de todos os procedimentos, eu acabei também entrando na habilitação, mesmo com muito medo do juiz não permitir que duas mulheres fossem mãe de uma criança. Não sei como é que o Registro Civil de Nascimento (RCN) vem, porque ainda não o vi, mas acredito que aparece o nome das duas mães. Mas o que eu achei mais interessante é que as pessoas que estavam ali para adoção em momento algum me discriminaram. Porque eu acho que uma questão essencial para todos que estão ali é criar um ambiente mais amoroso, né? Acho que é uma coisa mais gentil, mais generosa. Porque quem vai ali eu acredito que já vá com o coração um pouco melhor, né? Eu não me senti em nenhum momento discriminada. Me senti super a vontade. Isso pelo menos aqui em São Gonçalo. Não sei como é que funciona nos outros lugares pois cada comarca é uma comarca, cada lugar é um lugar, e cada grupo é um grupo. Pode ser que em outro grupo alguém me discriminasse. Na verdade a discriminação é uma coisa que acontece porque a gente é gay; porque a gente é negro; porque a gente é mulher; porque a gente é pobre; porque a gente é tanta coisa que eu não tenho, assim nenhuma, na minha cabeça a certeza de que isso nunca vai acontecer. Eu tenho a certeza de que eu vou saber enfrentar. Isso eu tenho.”

CÁTIA FALCÃO: “Acho que a minha análise vai ser um pouco mais complexa em relação a essa situação. Eu vou dividi-la em pontos. O primeiro é que eu, durante o processo de habilitação para adoção, inicialmente, achei que talvez fosse melhor entrar só uma porque assim a adoção sairia mais rápida. A gente pensou isso inicialmente tanto que eu realmente fui a primeira a me habilitar. Mas depois a gente chegou a conclusão que seria melhor logo as duas. Que se tivesse que resolver isso teria que ser resolvido logo. Então

quando o Anderson⁴ chegou, a Dora decidiu comigo que a gente iria juntas para a adoção. Esse era um ponto que tinha que realmente explicar. O outro ponto é que foi surpreendente e interessante como cada grupo tem suas particularidades. Realmente, a gente foi super bem recebida e isso eu acho que é devido ao trabalho que é feito lá na Vara da Infância. Esse trabalho é muito interessante. Então a pessoa chega bem nesse processo. Não é só nós duas não, mas também os outros casais que, por algum outro motivo, pudessem ser vítima de algum preconceito. Eu senti que eles também ficaram a vontade com a gente e a gente ficou a vontade com eles. Então isso aí é o ponto base. Foi super importante isso aí. A gente se sentiu bem e o trabalho que é feito lá é um trabalho muito interessante, muito bacana, e deixa você mais confiante.”

LINDOMAR DARÓS: “Pelo o que vocês falaram, saiu uma habilitação no nome de Cátia e um pedido de adoção no nome de Cátia e Dora. Como é que isso se deu? Não teve nenhum obstáculo burocrático ou jurídico para que houvesse a habilitação de ambas?”

CÁTIA FALCÃO: “Ah, sim, a Dora também teve que ser habilitada. Ela fez a habilitação quando nós decidimos que ela fosse parte, oficialmente, do processo de adoção. Saiu uma habilitação pra ela na hora. Como ela foi participante também do grupo houve essa consideração. Então as duas foram habilitadas e partimos juntas pra adoção.”

LINDOMAR DARÓS: “Houve primeiro um processo de habilitação e depois um processo de adoção quando o Anderson chegou. Em que estágio está esse processo? O que falta pra ele ser concluído?”

DORA CORDEIRO: “De acordo com a advogada a audiência está marcada agora para o dia 26 de setembro⁵. Ela diz que é quando o juiz diz sim ou não. É quando ele pergunta se depois desse tempo você ainda quer ficar com a criança. A advogada acha isso um absurdo. Mas diante de tanta coisa que a gente vê acontecendo com crianças eu acho que não é tão absurdo assim o juiz perguntar se você realmente quer. Até porque eu não acho que ninguém seja obrigado a querer nada, né? É importante que eles perguntem e que a gente tenha certeza da resposta. Demorou muito tempo. Eu achei que pra mim foi muito tempo. Quase dois anos e meio e tal com a criança. Eu sempre tive muito medo com relação a isso porque paira uma dúvida na cabeça da gente. Porque demora tanto? Porque isso? O que a gente fez

⁴ Criança que o casal em epígrafe está adotando.

⁵ ano de 2012.

de errado? Será que vai dar? Será que não vai dar? Então isso às vezes dava uma certa insegurança, até mesmo quando a gente pensou em se habilitar de novo para ver um irmão ou uma irmã para o Anderson. Para que ele não seja filho único, porque eu sou filha única e não gosto disso. A gente esperou que essa sentença, pelo menos essa saísse pra que desse mais segurança, porque batia, sempre bateu, essa insegurança. Como que a gente vai pegar outra criança se não conseguiu nem a certidão da primeira? Assim, pra gente sempre foi muito preocupante. Agora que a gente ficou mais calma porque a audiência final está marcada. Acredito que seja uma audiência só. Não sei direito, mas acredito que essa seja a final."

LINDOMAR DARÓS: "Quanto tempo durou esse processo até a chegada do Anderson? Quanto tempo vocês ficaram esperando?"

CÁTIA FALCÃO: "Todo esse processo levou dois anos. A gente passou uns quatro meses no grupo de habilitação. Contando somente o tempo na Vara de Infância, foram quase dois anos ali. Acredito que esse tempo todo foi porque durante a participação no grupo de habilitação, a gente deve escolher um perfil e nós não definimos muito bem qual era o perfil da criança que desejaríamos adotar. Definimos numa primeira etapa que nós queríamos de zero até sete anos. Não fizemos referência de cor, nem de sexo, mas falamos que queríamos até sete anos. Surgiram umas três oportunidades de crianças pra gente conhecer. A gente conheceu, mas não houve um encantamento no momento. Eu acredito também que não era nosso momento, nós não estávamos ainda cem por cento, então isso dificultou muito. Até que nós fomos chamadas novamente pra traçar um novo perfil e aí sim nós definimos esse perfil e quando nós definimos esse perfil foi o momento que surgiu o Anderson. A gente aí ficou com ele. Esses dois anos e pouco, essa demora, eu até entendo que tenha que haver essa apuração completa sobre toda a situação. Mas eu achei que deixaram algo a desejar com a criança. Porque, tudo bem, nós estamos com ele, nós o amamos e você pode perceber que ele tem essa relação legal com a gente. A gente foi até chamada e parece que compareceu uma ou duas vezes lá pra fazer um relatório, mas já depois de estar com ele um ano e pouco. Eu sei que a demanda lá é muito grande, mas eu acho que eles deveriam estar mais preparados; deveria se criar uma estrutura para proteção da criança, porque nós somos pessoas idôneas, mas pode haver algum erro também nesse caminho né, e aí como ficam essas crianças? Eu só questionei isso. Mas também achei ótimo ninguém vir bater na minha porta e me perturbar pra me investigar. Mas é uma coisa que deve ser reavaliada lá, né?"

LINDOMAR DARÓS: “Como vocês avaliam o fato de não terem recebido muitas visitas da Vara da Infância? Isso refletiria um excesso de trabalho? Negligência da equipe?”

CÁTIA FALCÃO: “Eu acredito que seja a demanda e a equipe não seja suficiente pra atender tantos casos, e aí vai mesmo pela intuição. É feito todo esse questionário, a gente passa quatro meses lá dentro, é possível que ali seja feita uma avaliação desses casais. Mas assim, quando o Anderson foi entregue foi ótimo, a gente procurou até estar em contato, a gente tem essa facilidade de tá muito em contato com a equipe. Mas eu questiono se com outros casais que, no dia a dia as coisas acontecem, eu acho que deveria ter mais assistência. Esses casais deveriam comparecer mais ou serem visitados mesmo, no seu dia a dia, na casa.”

DORA CORDEIRO: “Eu fico com a história de que nós vivemos no Brasil. Num país onde crianças são deixadas em qualquer lugar. Então a demanda é muito grande, que por mais que uma equipe se esforce, tem casos muito graves acontecendo o tempo todo. Então assim, vão pela gravidade, né? O primeiro é o mais grave né? Se tivesse mais gente, com certeza acho que teríamos essa visita pra todos os casais independente da criança sofrer algum tipo de violência, agressão ou não, ou até abandono. Mas é que a demanda é tão grande, são tantas as denúncias hoje em dia e as equipes são tão pequenas que não dão conta da situação. E aí eles têm que meio que confiar no adotante. Aí é melhor chamar a gente lá e olhar a criança. Até porque o olhar deles é um olhar que percebe quando a criança tá bem cuidada; quando a criança tá amada. Quando a criança fala, mamãe Dora, mamãe Cátia, você percebe que já existe uma relação de amor estabelecida. Então é mais simples que a gente vá lá do que eles saírem visitando casa por casa.”

CÁTIA FALCÃO: “Mas só nos chamaram uma ou duas vezes, entendeu? Eu não sei se eu vivo no mundo da tela dos filmes onde uma equipe de assistência vai visitar a casa pra ver como que está a criança, se a criança está na escola, se ela está estudando, se ela não está (...)”

DORA CORDEIRO: “Estados Unidos que você tá falando, né? Do primeiro mundo.”

CÁTIA FALCÃO: “É, mas o Brasil tem que chegar nesse nível, eu acho.”

LINDOMAR DARÓS: “A equipe nunca tentou interagir com vocês em outras situações para dar um ‘feedback’ sobre todo o processo ou para conhecer novos grupos?”

DORA CORDEIRO: “Tentou sim. Inclusive nos chamou, pra gente dar depoimento para novos grupos.”

LINDOMAR DARÓS: “Mais de uma vez então, né?”

DORA CORDEIRO: “Até mesmo pra passarmos nossa experiência para novos grupos que estavam se habilitando. Isso eu achei legal porque aí você já leva o Anderson, ‘tira uma onda’ e tenta mostrar para as pessoas como tudo pode dar certo. A gente ajuda a criar nas pessoas uma expectativa melhor. Quando alguém vê que deu certo com outra pessoa logo se pergunta: ‘se deu certo com elas, porque não vai dá certo comigo, né?’ Isso é bem legal.”

LINDOMAR DARÓS: “Como é que está esse exercício da parentalidade? De uma maternidade não normativa, não hegemônica, que não atende esse modelo heteronormativo?”

CÁTIA FALCÃO: “Olha, todo início é difícil. Por mais claro que você tenha em sua cabeça o que você quer, para mães de primeira viagem é surpreendente. Então é tipo assim: no início foi bem difícil, pra mim Cátia, porque eu não tinha a mínima noção do que era criança, do que era trocar uma fralda. E esse conhecimento parece que nasceu de mim mesmo sabe. Eu tive que partir pra aquilo ali como uma grande novidade. Então, até eu saber se tá chorando, se tá sentindo dor, se tá com fome, se tá com isso, com aquilo, eu levei uma surra no primeiro mês. Já no segundo fui engatinhando e tudo. No terceiro eu já fui respirando com algum conhecimento. Mas assim, tá sendo pra mim cem por cento. Eu já sinto um retorno. O sentimento que é muito bacana de você ter esse retorno. Tem um amigo que ele trabalha com essa questão da adoção que ele fala uma frase que é do caramba e que eu acho que é por aí. Ele diz que na verdade é você que é adotado. Essa adoção, que você faz, ela só acontece quando você é adotado. E eu tenho certeza que o Anderson adotou nós duas, assim, perfeitamente. Ele chama a Dora de mamãe Dora, me chama de mamãe Cátia e rola assim um carinho. É tudo assim espontâneo, o beijo, o abraço, tudo. Então isso pra mim foi assim a coisa mais emocionante que eu tive na minha vida. Eu te digo assim de coração: a melhor coisa que me aconteceu assim na minha vida sabe, como pessoa, como ser humano, esse tempo todo, passando tantas coisas assim, tive outras coisas bacanas na minha vida, mas o Anderson foi a melhor coisa que me aconteceu.”

DORA CORDEIRO: “Agora o legal também, que eu não esperava, foi a aceitação da família. Eu tinha receio por ser um casal homossexual adotando uma criança, um modelo de família completamente diferente. Mas acho que o

Anderson meio que conquistou todo mundo. Ele foi conquistando o espaço dele e as pessoas porque ele é uma criança muito carismática. Ele é uma criança muito doce, ele é muito beijoqueiro, então ele ganhou a família toda, minha vó é vó dele, minha tia é tia dele, ele já é da família. Natal na minha casa hoje só tem uma criança ele. Então todos compram presente só pra ele e as pessoas, assim a partir disso, aquele medo que a gente tinha, que elas também desconheciam completamente, que poderia, que ser diferente é normal, não tinha essa convivência, acabou se tornando muito normal, pelo menos dentro da minha família. Dentro da escola dele é muito natural, não tem nada por enquanto. Pode acontecer, mas ele ainda não sofreu bullying.”

LINDOMAR DARÓS: “Essa escola é uma escola que conhece a configuração familiar dele e apoia?”

DORA CORDEIRO: “A escola sabe, nós conversamos, falamos com a psicóloga e a gente fez questão de falar a verdade, porque até mesmo no dia das mães, ele traz presente pras duas mães e no dia dos pais pro padrinho. Então assim, ele trata essa questão muito bem. A escola é excelente. Não sei se todas as escolas são assim, mas essa pelo menos, que é a Shalon, ela é muito boa. É até uma escola evangélica, por incrível que pareça, é uma escola evangélica. Eu falei assim: ‘Ai, meu Deus, esse negócio não vai dá certo, escola evangélica...! Mas muito pelo contrário, eles tratam a gente super bem. Se tem alguma coisa, o psicólogo chama, ‘oh, ele tá falando que tá com medo, oh, é pra chamar atenção.’ Então eu não vejo ele sendo tratado com diferença, e nem a gente, ao contrário. Quando vinha alguma coisa escrita assim, aquele ciente no caderninho, pai e mãe, eu falei assim: ‘gente não tem pai e mãe; ou é mãe e mãe ou bota ‘responsável’. Aí eles mudaram. Isso é uma coisa legal pra escola evangélica. Eles colocaram lá ‘responsável ou responsáveis’. Pode qualquer um assinar, pode ser uma vó, uma mãe, uma tia, um pai, ou responsável, entendeu? Isso eu achei bem legal da escola. É aquela mudança que a gente acaba provocando, porque muitas crianças não tem nem pai, nem mãe, é criado pela vó. A vó não existe? Não é um responsável?”

CÁTIA FALCÃO: “No dia das mães veio o bilhete da escola dizendo que tinha que mandar um dinheirinho pra fazer uma lembrancinha. Aí tinha uma reunião pra falar como é que tinha sido as atividades deles. Aí eu cheguei e coloquei para a responsável por essa atividade que são duas mães e que eu gostaria de pagar duas lembrancinhas pra ele fazer. Aí a responsável falou: “não, claro”. Porque eu entendo que para a escola se adaptar a nós, nós

também temos que nos colocarmos. Então eu falei para ela: 'estou vindo aqui especialmente pra falar isso porque vocês estão trabalhando 'a palavra mãe,' 'a imagem da mãe'. Vocês pediram foto da mãe, então eu vou mandar o Anderson comigo e com a Dora pra vocês trabalharem essa questão.' Aí a responsável falou: "tudo bem, a gente vai trabalhar". Aí eu retornei lá pra saber do resultado e ela falou: 'olha, ele pega aquela foto e fala mãe Cátia, mamãe Dora e mostra pra todos os outros alunos que ele tem duas mães'. Isso eu achei bem bacana esse processo aí, a escola tá encaminhando isso bem com ele né. Agora na semana dos pais eu botei lá no bilhete que ele não tem pai, mas que ele tem um padrinho que gosta muito e que eu queria botar ele pra fazer a lembrancinha, mas falando que é o padrinho. Ela aceitou. Eu fui, fizemos a lembrancinha lá pro padrinho dele também. Porque mais tarde ele vai precisar dessa referência masculina também e a gente tem trabalhado isso com um amigo nosso. Mas não digo que é pai, digo que é padrinho."

LINDOMAR DARÓS: "Como é que ele chega a vocês? De onde ele veio? O que vocês sabem da história do Anderson?"

CÁTIA FALCÃO: Não tive acesso ao processo. Não porque não tenha sido permitido, mas porque eu realmente preferi não ter muita informação sobre ele. O que eu sei é o suficiente. A Dora deu uma lida e me passou que ele veio lá do Zumbi. Foi melhor eu não ter lido mesmo, sabe, pra não ficar muito chocada. Eu preferi realmente não saber disso, achei melhor, pra não ter assim de repente que ter que lá na frente passar isso pra ele entendeu.

DORA CORDEIRO: Eu li algumas partes e outras eu preferi ter uma amnésia. Então eu fiquei lembrando do básico: ele foi do Zumbi, teve uma mãe, tem irmãos e sofreu um abandono. Acredito que a mãe não tenha feito por maldade porque ele não é uma criança que veio maltratada demais. Acho que não tinha condições psicológicas, tinha problemas, enfim, seja lá o que a levou a fazer isso, não acho que tenha sido vontade própria. Talvez uma questão de extrema pobreza, de não ter capacidade mental. Eu lembro mais ou menos porque eu li assim muito por alto. Ela nunca mais apareceu. Mas se aparecer, aí a gente vê como faz."

LINDOMAR DARÓS: "Como foi a chegada dele para vocês? Como ele saiu da família acolhedora para ficar com vocês?"

CÁTIA FALCÃO: "Eu recebi a ligação lá da vara de infância dizendo que tinha um menino de um ano e dois meses que precisava de uma família adotiva. Nós queríamos conhecer. Nesse dia mesmo nós falamos que sim e fomos

conhecê-lo e aí houve aquele encantamento das duas e a decisão foi tomada ali mesmo. Ele estava com uma família acolhedora, né. Parece que ia fazer três meses e já estava até com a guarda provisória também vencida. Ali a gente combinou que uma semana a gente iria fazer um passeio com ele e, como a família acolhedora tinha uma filha, de sete, oito anos, que tava acostumada com ele, a gente fez esse passeio no shopping com a menina e tudo. Combinamos com a família acolhedora que dali a quinze dias nós iríamos leva-lo pra ficar com a gente e aí a gente levou. Mas a gente na verdade tava preparando a casa, porque a decisão foi tão rápida quando chegou que a gente tinha pouco tempo pra poder fazer isso, o quarto né, o armário, a cama. Aí a gente conseguiu montar e fomos buscá-lo para dormir a primeira noite com a gente lá no apartamento. Eu sei que essa foi a primeira noite e ele nunca mais voltou pra onde ele tava. E aí depois a gente só visitou a outra família uma ou duas vezes. Não me lembro se foi uma ou se foram duas vezes que nós visitamos ele com a família.”

LINDOMAR DARÓS: “E o que é a família acolhedora?”

CÁTIA FALCÃO: “Bom, pelo o que eu entendi é um projeto que tem lá na vara de infância, que acolhe a criança pra que ela não vá pra nenhum abrigo. Porque se ela for pra algum abrigo vai dificultar ainda mais o processo de adoção dela. É um projeto interessante, mas também é uma faca de dois gumes. Deixei isso até muito claro lá na vara de infância, porque a família acolhedora acaba se apegando também à criança e, dependendo da idade da criança, pelo entendimento que ela tenha, ela pode, na minha opinião, ela pode se tornar um pouco confusa. No caso do Anderson ele estava já dois, três meses com aquela família e já tava tendo uma identificação com a acolhedora como mãe e com a menininha como irmã. Pra quem estava na primeira adoção como nós, eu me senti insegura de continuar mantendo contato com a família acolhedora. Porque eu senti um apego dele. As duas vezes que a gente levou o Anderson pra ver a família acolhedora, ele saía de lá arrasado, ele saía de lá chorando, ele saía de lá querendo ficar. Embora depois ele se acostumasse de novo com a gente, eu me sentia muito insegura com isso. Eu preferi não mais ter contato com essa família, até que eu sentisse, no próprio Anderson, nenhum tipo de dúvida de que ele realmente identificava eu e a Dora como mães dele, entendeu? Hoje, por exemplo, eu tenho essa confiança plena de que é com a gente que ele quer ficar. É a gente que ele ama também. A gente se sente mesmo uma família hoje. Eu não tenho mais uma dúvida, aí talvez hoje eu até levasse ele lá.”

LINDOMAR DARÓS: “O que vocês acham desse projeto? É só pra facilitar a adoção ou é porque preserva a criança de um processo desestabilizador?”

CÁTIA FALCÃO: “Eu e Dora até conversamos sobre isso. Pensamos em adotar outra criança. A gente pensa nisso. Só esse processo da justiça que realmente a gente acha muito demorado. Então vamos esperar sair a adoção do Anderson primeiro pra gente partir para uma segunda adoção. Mas a gente também pensou que a gente pode também fazer parte do projeto ‘família acolhedora’. A gente acha que entrando pra esse projeto, a gente vai ter na cabeça da gente que é um trabalho de ajuda mesmo; que é pra facilitar a vida dessa criança e preparar ela pra um futuro com os novos pais dela, os pais adotivos dela.”

DORA CORDEIRO: “Vai ser tipo assim: um amigo que estamos recebendo por um tempo; como uma boa visita.”

LINDOMAR DARÓS: “Em algum momento, já convivendo com o Anderson, vocês chegaram a imaginar que estariam sendo discriminadas em função da orientação sexual?”

DORA CORDEIRO: “Sim. Tive medo sempre e continuo tendo, porque eu acho que as pessoas não estão preparadas pra isso não e a gente, às vezes, sente alguma diferença. Não de forma direta porque eu acho que a gente tá meio que na linha dura, né? Mas de uma forma meio que intrínseca; uma forma meio que camuflada; em algumas ocasiões a gente sente sim. Fica meio no olhar das pessoas. Elas podem não falar, mas a gente percebe e a gente vai levando. A gente não vai se deixar abater por isso, mas a preocupação, o medo, é lógico que existe.”

CÁTIA FALCÃO: “A Dora é muito mais perspicaz em relação a isso do que eu. Eu não sou muito maldosa nessa situação. Eu não faço questão de ver muito não. Então eu tento agir naturalmente. Agora na escola não percebi nenhuma discriminação não. Isso eu faço até questão de dizer. Hoje mesmo no mercado a gente tava fazendo compra. A maior parte da compra era pra ele. A menina do caixa perguntou: ‘ah! ele é seu filho?’ Aí eu falei: ‘não, é nosso, meu e dela’. E a reação dela foi bem natural. Pra boa parte da minha família eu nem expliquei nada, mas a reação foi uma surpresa muito agradável. Minha mãe e meus irmãos adoram e adotaram o Anderson. Eu não me preocupei em chegar e falar não porque a decisão era tão forte dentro da gente que se alguma coisa ruim viesse, a gente tava com força pra superar. Agora pode ser que daqui pra frente a gente vá em algum lugar e vá haver essa pergunta. Mas assim, eu acho que nessa parte eu já estou

um pouco mais tranquila. Eu não vejo não e, na escola se a gente tiver que passar por algum momento a gente vai tá junto; vai chegar e com certeza vai se colocar e se resolver.”

LINDOMAR DARÓS: “Tem alguma questão que eu não abordei e que vocês acham que seja importante apontar?”

CÁTIA FALCÃO: “Eu tenho uma pergunta pra você. Eu e Dora praticamente já conseguimos nossa adoção definitiva. Em função disso, praticamente todo mundo envolvido nesse processo conhece a nossa vida. A gente é tida como uma referência. Porque nós temos que passar novamente por todo esse processo pra adotar outra criança?”

LINDOMAR DARÓS: “Porque agora vocês formam uma família diferente daquela que foi habilitada no passado. Hoje vocês constituem uma família com um filho. E isso é algo que precisa ser considerado. As famílias são dinâmicas, se renovam e se modificam ao longo do tempo.”